



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Camara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

História da fala pública : uma arqueologia dos poderes do discurso / Jean-Jacques Courtine, Carlos Piovezani, (orgs.). - Petrópolis, RJ : Vozes, 2015.

ISBN 978-85-326-5070-2

1. Análise do discurso 2. Oratória 3. Retórica
4. Sociologia política I. Courtine, Jean-Jacques.
- II. Piovezani, Carlos.

15-05315

CDD-320.014

Índices para catálogo sistemático:

1. Discurso político : Linguagem e comunicação :
Ciência política 320.014

História da fala pública

Uma arqueologia dos poderes do discurso

Jean-Jacques Courtine
Carlos Piovezani
(organizador)



EDITORA
VOZES

Petrópolis

A VOZ DO POVO A FALA PÚBLICA, A MULTIDÃO E AS EMOÇÕES NA AURORA DA ERA DAS MASSAS*

Jean-Jacques Courtiue
University of Auckland
Université de la Sorbonne Nouvelle

Enquanto nossas antigas crenças titubeiam e desaparecem, enquanto os tradicionais pilares das sociedades desmoronam-se um após o outro, a ação das multidões é a única força a não ser por nada ameaçada e cujo prestígio continua a crescer. O período em que entramos será realmente a era das multidões (LE BON, G. *La psychologie des foules*).

Acabamos de lê-lo¹: a fala pública conheceu no curso do século XIX grandes mutações e profundas revoluções. Certamente, os pilares da tradição retórica – a cátedra, o palanque e o tribunal – são ainda perfeitamente reconhecíveis por sua vibrante eloquência. Mas a esses antigos ministérios da fala em público foram acrescentados discursos, oradores, lugares e públicos inéditos. Esses novos objetos, espaços e personagens anunciam a aurora de uma nova era, no decurso da qual a tradição eloquente logo sofrerá transformações irreversíveis. No final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, surgem as sociedades de massa. A necessidade de falar em público desloca, com o desenvolvimento de diversas ordens de democracia, o centro de gravidade do universo dos discursos. Novas questões aparecem e novas inquietudes emergem. Estas últimas já haviam sido suscitadas pelas aglomerações populares que foram constituídas por ocasião da Revolução Francesa e, mais tarde, pela sucessão de movimentos revolucionários que iriam per-

* Tradução de Denise Leppos, Joseane Bittencourt e Carlos Piovezani.
1. Cf., aqui mesmo, o capítulo de François Douay.

correr o fim do século XVIII e todo o século XIX, especialmente na França, mas também alhures.

As massas e a "governmentalidade"

Assistimos, então, a uma irresistível ascensão do discurso político, no interior do qual seus atores começaram a se perguntar: Como falar para públicos cada vez mais numerosos, cujo próprio agrupamento e pela concentração em novos fóruns foram produzidos pela urbanização e pela industrialização? Como falar para públicos que foram constituídos como uma comunidade imaginária e dotada de interesses, desejos e emoções comuns pela circulação de uma imprensa de massa em plena expansão? Tais questões passam a perseguir aqueles que aspiram a governar essas novas forças históricas. Por essa razão, delas derivam ainda outras questões: Como devemos nos dirigir ao povo? E o próprio povo como fala? Como seria possível, por meio da fala, canalizar o perigo das multidões, dominar o seu poder, aprender a convencê-las e saber guiá-las para onde desejamos? Todas essas inquietações eram profundamente sentidas na virada do século XIX para o século XX, desde o momento em que as antigas formas de autoridade foram brutalmente derrubadas ou lentamente corroídas. Dentre tais problemas adveio a solução: as massas precisam de um guia. Inventam-se, pois, "a multidão" como objeto do pensamento, bem como inventa-se a psicologia das multidões como campo de saber e objeto de conhecimento. Desenham-se a figura carismática do líder e os poderes que lhe são conferidos: são concebidas as novas formas de falar em público, que tiram origem às práticas modernas da propaganda política. Busca-se, enfim, uma eloquência inédita, aquela dos que até então não dispunham do direito de falar publicamente, salvo as excepcionais circunstâncias em que se trata somente de expressar sua revolta sob a forma de seus gritos de cólera. Eis aí emergência de uma eloquência ao mesmo tempo política e popular, que possui seus oradores, seus lugares e seus modelos: eis o surgimento de uma fala pública que se abriga naquele momento sob o manto da velha retórica ou busca, por vezes, desfazer-se das pompas da eloquência aristocrática ou burguesa, no intuito de tentar fundar uma oratória inaugural, que poderia enunciar o advento de um novo mundo.

O momento histórico pelo qual nos interessamos aqui consistiu no laboratório político, social e retórico da fala pública contemporânea, constituiu-se como o cadinho das formas de eloquência que atravessarão o século XX, em que pese o fato de que as mudanças tecnológicas mais recentes do campo da comunicação política tenham-nas tornado largamente irreconhecíveis em nossos dias. Será, portanto, a multidão, surgida na aurora da era das massas, o primeiro objeto destas nossas páginas: a multidão como um acontecimento histórico, mas também como objeto do pensamento; a multidão e os discursos que lhe são dirigidos, mas também a fala que surge em seu próprio interior; a multidão e as emoções que a atravessam, assim como as emergentes tecnologias de governo das grandes aglomerações humanas, que buscam tirar bom proveito da administração das massas.

Estamos, pois, naquele campo que Michel Foucault denominou de "governmentalidade"; isto é, "o conjunto crítico constituído pelas instituições, pelos procedimentos, pelas análises e reflexões, pelos cálculos e táticas que permitem exercer, de forma específica, embora muito complexa, o poder que possui como principal alvo a população; o poder que possui como forma mais fundamental de conhecimento a economia política e como instrumentos técnicos mais essenciais os dispositivos de segurança...". No entanto, seu domínio não se limita apenas a estas únicas formas de poder e de saber. Ademais, é estranho constatar que a psicologia das multidões – cujo projeto visa explicitamente ao controle da população, no qual Marx Weber identificava "o encontro da ordem com a docilidade"² e ainda no qual a domesticação do grande número de pessoas encontra-se claramente situada na extensão dos dispositivos disciplinares – tenha sido amplamente esquecida em sua incidência direta na governamentalidade. É tanto mais estranho justamente porque a reflexão sobre as interseções fundamentais entre a governamentalidade e a psicologia das multidões poderia resultar numa série de contribuições essenciais para compreendê-las, uma vez que se trata de fenômenos sociais marcantes do começo do século XX e que consistem num seu capítulo inteiro e, em função desse esquecimento, em larga medida ainda inédito.

2. FOUCAULT, M. *Sécurité, territoire, population* - Cours au Collège de France, 1977-1978. Paris: Gallimard/Seuil, 2004, p. 111-112. [Edição brasileira: *Segurança, território, população* - Curso dado no Collège de France (1977-1978). Trad. Eduardo Brandão. Rev. Claudia Birlinder. São Paulo: Martins Fontes, 2008].

3. WEBER, M. *Economie et société*. Vol. 1. Paris: Pocket, 1995, p. 95. [Edição brasileira: *Economia e sociedade*. Fundamentos da sociologia compreensiva. Vol. 1. Trad. Regis Barbosa e Karen Elzabe Barbosa. Rev. téc. Gabriel Cohn. 4. ed. Brasília: Editora UnB, 2009].

Foi exatamente nesse vácuo que Yves Cohen aprendeu com muita facilidade e impacto, e outro fenómeno histórico e social de grande importância da multidões e outro fenómeno histórico e social de grande importância da multidões, cuja presença é, inclusive, determinante no pensamento de Le Bon, qual seja, a necessidade de líderes: "A era das multidões, tal como aquele período foi nomeado por Gustave Le Bon em sua obra que teve sucesso imediato e mundial, anuncia-se como o mesmo movimento que é o da era dos líderes".

Desses dispositivos de governamentalidade de massas humanas, em que o prestígio do líder aparece como a garantia da docilidade das multidões, nós tentamos identificar inicialmente aqui os desenvolvimentos teóricos, formulados de maneira tão clara e pela primeira vez nos trabalhos de Le Bon, tanto em seu contexto político e intelectual quantos em suas consequências teóricas e práticas. Em seguida, analisaremos as manifestações da fala pública produzida nesse contexto das multidões. Tais exemplos consistem naquelas representações a respeito dessas práticas. Tais exemplos consistem naquelas encenações da fala pública em face das multidões e no interior das multidões, que atravessam e constituem a obra literária de Émile Zola, cujo cuidado quase etnográfico com o qual compõe e elabora a documentação de seu universo ficcional é ostensivamente reconhecido⁶.

Assim, entre as teorias e as ficções a propósito do advento das massas e entre os receios e as esperanças que foram inspiradas pelas multidões emergem as mesmas questões, isto é, interrogações que são absolutamente centrais para a arqueologia e a genealogia da fala pública que este livro tenta esboçar: Como o uso da fala faz com que surjam emoções capazes de se aproveitarem de uma massa humana inteira? Como reprimir, dirigir e aproveitar o poder cego das emoções coletivas? A essas questões, em torno das quais

se deu no século que chegou recentemente ao seu fim a constituição de cérebros frequentemente trágicas, foram formuladas respostas já no início desse período: respostas essas que comprometeriam decisivamente suas próximas décadas e nosso próprio futuro.

A invenção da multidão

"O período em que entramos será realmente a era das multidões": Gustave Le Bon possuía um lado profeta ou, ao menos, era um pregador convicto dos novos tempos. Com efeito, a *psicologia das multidões* não dá nenhuma margem à dúvida, nem tampouco a alguma ilusão sobre o futuro: é o medo da multidão, antes de qualquer outra emoção, que fez desta última um objeto de pensamento. Além disso, é esse mesmo medo que inaugura e prediz um período histórico que seria marcado pela desordem, pelo caos e pela anarquia. Assim, Le Bon observa a multiplicação, entre os anos de 1880 e a Primeira Grande Guerra, dos signos da inquietante potência das multidões, que, por sua vez, correspondia ao prelúdio da destruição de toda civilização pelo desbaratamento que lhe será infligido por essas "multidões inconscientes e violentas, precisamente qualificadas de bárbaras".

É preciso, sem dúvida, compreender esse medo e também os efeitos tardios que ele exerce sobre as representações e o imaginário a respeito das aglomerações humanas, situando-o em seu contexto. Trata-se "da força cega do número", isto é, do desenvolvimento da democracia política com a qual Le Bon tanto se preocupava, assim como alguns de seus contemporâneos⁷. Essa democracia manifesta-se desde as duas últimas décadas do século XIX sob a forma da violência política e social das greves, do progresso dos movimentos trabalhista e socialista e ainda sob a forma da aventura do boulderismo. Mas, a psicologia das multidões também carrega consigo a marca dos conhecimentos científicos de seu tempo: na antropologia criminal de Cesare Lombroso, Le Bon encontrará os germes criminosos que as massas huma-

4. Cf. em particular: "Foucault déplace les sciences sociales – La gouvernamentalité & Histoire au XX^e siècle". In: LABORIER, P. et al. (dir.). *Les sciences camérales: activités pratiques et théoriques des dispositifs publics*. Paris: PUF, 2011, p. 68. Cf. esp. *Le siècle des chefs – Une histoire transnationale du commandement et de l'autorité* (1890-1940). Paris: Amsterdam, 2013.

5. COHEN, Y. "Michel Foucault...". Op. cit., p. 68.

6. Cf. em particular: ZAKARIAN, R.H. *Zola's Germinal: A Critical Study of its Primary Sources*. Geneva: Droz, 1972. • *La fabrique de Germinal – Edition annotée du dossier préparatoire* (Foucault, Paris: Seclès, 1986. • ZOLA, E. *Carnets dérangés*. Paris: Plon, 1986 [Terre humaine] [Préface de Henri Mitterand].

7. LE BON, G. *La psychologie des foules*. Paris: Alcan, 1896, p. 3 e 4. [Edição portuguesa: *Psicologia das multidões*. Trad. Ivone Moura Detraux. Coleção Pensadores. Lisboa: Edições Roger Detraux, 1980].

8. É na descrição que Taine faz das multidões da Revolução Francesa em *Les origines de la France contemporaine* (Paris: Robert Laffont, 1878-1887) que Le Bon encontra boa parte de suas referências e sua inspiração.

nas concebem, nutrem e abrigam⁹; em Jean-Martin Charcot, de cujas sessões ele era assistida, lhe fornece a ideia de histeria patológica das multidões, de modo análogo àquelas que foram desenvolvidas por Émile Durkheim ou por Gabriel Tarde ou a outras grandes pesquisas sociais que se processaram nos limites entre a medicina e o nascimento da sociologia, Le Bon gostaria de descobrir "as leis de uma unidade mental das multidões" e de tornar-se uma espécie de Claude Bernard da vida coletiva¹⁰.

A psicologia das multidões sela assim a aliança entre o medo e a ciência, o que certamente explica boa parte de seu sucesso imediato e quase universal e ainda, em seguida, sua longevidade, visto que nem o medo nem a ciência deixariam de estar onipresentes ao longo do século que conheceu fim há menos de duas décadas. Essas ideias centrais atravessariam o século XX praticamente intactas desde seu início até o seu final e forneceriam durante todo esse período as explicações para o comportamento dos indivíduos no interior das massas. Há ainda uma outra razão para essas enormes celebridade e perenidade: os traços das multidões "descobertos" por Le Bon são absolutamente anti-históricas, porque as multidões remetem a um estado natural e nessa concepção praticamente não há nada que pudesse vir perturbar seu caráter eterno. Isso ocorre ainda com mais forte razão, na medida em que os estados psicológicos que as multidões manifestam – tais como a impulsividade, a irritabilidade, a inconsciência, os exageros e simplificações dos sentimentos, a credulidade... – são observáveis em seres pertencentes às formas inferiores de evolução, como o selvagem e a criança¹¹, e convêm acrescentar imediatamente ao conjunto das formas inferiores a histórica. É exatamente isso o que Le Bon aprendeu com as lições de Charcot, reinterpretado desta feita à luz do darwinismo social: "As multidões são, em todos os lugares do mundo, femininas; mas as mais femininas de entre todas elas são as multidões latinas"¹².

9. Trata-se da ideia mesma que também será desenvolvida no interior do mesmo contexto por Ségno Sighele: *La foule criminelle* – Essai de psychologie collective. Paris, Alcan, 1891. [Edição brasileira: *A multidão criminosa*. Ensaio de psicologia coletiva. Rio de Janeiro: Editora Santos, 1981.]
10. Sobre o contexto político e cultural dos trabalhos de Le Bon, cf. particularmente BARROW'S, *Miroirs déformants* – Réflexions sur le foule en France à la fin du XIX^eme siècle. Paris: Actes, 1990. • MOSCOVICI, S. *L'âge des foules*. Paris: Complexe, 1981. • NYE, R. *The Origin of Crowd Psychology* – Gustave Le Bon & The Crisis of Democracy in the 3rd Republic. Londres: Sage, 1995.
11. LE BON, G. Op. cit., p. 17.
12. *Ibid.*, p. 19.

Principalmente, com a identificação desse último aspecto entre os pontos que levantamos, passamos a melhor compreender o sucesso e a conservação da força das teses de Le Bon durante um longo período: uma das chaves de seu alcance consiste no fato de que suas ideias assentam-se nos modelos mais arcaicos de dominação sexual; é nesses modelos que Le Bon vai procurar o dispositivo intelectual que irá explicar a irracionalidade e a invisibilidade da "multidão" – lê-se "a multidão" e entende-se "a mulher". Por essa razão é que se impõe a necessidade de seu controle. Isso porque, em Le Bon, "a multidão" permanece em todo tempo e lugar sempre igual a si mesma, sempre perdida e sempre perigosa. Não há efetivamente espaço para as multidões reais, nem tampouco para a sua existência histórica. Também não há igualmente lugar para os diferentes caracteres das multidões, ora estáticas e pacíficas, ora ferrosas e insatáveis; enfim, não há espaço para as classificações que Elias Canetti estabeleceria mais tarde, ao propor suas distinções entre matilhas e massas¹³. Distintamente da concepção do pensador búlgaro, que passa ao largo de tal ponto de vista, para o psicólogo francês "a multidão" é um estado da natureza e esta natureza é feminina. Por sua suposta condição feminina, ela buscaria, portanto, um mestre para dominá-la; por conseguinte, ela iria encontrá-lo. A relação do líder com a multidão inscreve-se no quadro do "modelo arcaico dominante", para retomar a expressão consagrada de François Héritier¹⁴; o modelo da dominação masculina.

Um último elemento que sem dúvida merece ser salientado, se pretendemos considerar essa surpreendente persistência das ideias de Le Bon: a releitura freudiana empreendida em *Psicologia das massas e análise do eu*¹⁵ praticamente não questiona a estrutura geral do conjunto das ideias de Le Bon. Em todo caso, no limite, Freud o censura por ter confundido as aglomerações efêmeras e violentas com as multidões estáveis e permanentes e também de ter subestimado os impulsos da libido como fator essencial da constituição de uma "alma das multidões". Freud esclarece ainda aquilo que Le Bon compreendia como a sensibilidade das massas à sugestão, que, por

13. CANETTI, E. *Masses et puissance*. Paris: Gallimard, 1966. [Edição brasileira: *Massa e poder*. Trad. Sérgio Tallaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.]
14. Cf. HERTIER, F. (dir.). *Hommes/femmes* – La construction de la différence. Paris: Le Pommier/Cité des Sciences et de l'Industrie, 2005.
15. FREUD, S. "Psychologie collective et analyse du moi". *Essais de psychanalyse*. Paris: Payot, 1981 [1921]. [Edição brasileira: *Psicologia de grupo e análise do ego*. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. XVIII, 1959.]

sua vez, na psicanálise deveria ser concebido como o "contágio" que se apoia de um indivíduo para outro, numa relação hipnótica com o líder da massa, que voltará a ocupar o lugar do ideal do eu de cada um (de onde deriva a célebre caracterização freudiana da hipnose como uma "multidão composta por dois indivíduos"). A era das multidões anuncia devidamente o tempo dos líderes. Finalmente, Freud sublinhará o desejo de conformidade e de pertencimento do indivíduo ao grupo dos seus semelhantes, quando ele "abandona sua singularidade" em nome do "amor pelos demais"¹⁶. É assim que o livro de Le Bon conseguiu preservar uma relativa legitimidade na posteridade freudiana.

No entanto, o destino que conheceu a psicologia das multidões não devia de ser estranho. Os usos que dela foram feitos no decorrer do século passado poderiam ter sido suficientes para desqualificá-la. Isso porque o objetivo perseguido por Le Bon foi, na verdade, o de obter o controle e a manipulação das aglomerações humanas no início da era das massas. Observamos precisa e justamente em sua obra a condição à qual ele passou a fazer jus, ou seja, um dos inventores das formas modernas de propaganda política¹⁷. Alguns de seus leitores não se enganaram a esse respeito: Hitler insinuou-se amplamente em *Psicologia das multidões*, ao produzir seu próprio *Mein Kampf*, ademais, a obra de Le Bon tornou-se para Mussolini seu livro de cabeceira favorito¹⁸. Contudo, nem mesmo essa pesada e perversa herança ideológica, nem a reestruturação das aglomerações populares produzidas pelas invenções tecnológicas, que eram inconcebíveis quando Le Bon escreveu seu texto, conseguiram alterar substancialmente essa opinião comum: é ainda no âmbito da psicologia das multidões que mais geral e frequentemente a vida das "emoções coletivas" é representada. A história das emoções, cujo projeto é desenvolvido atualmente pelas ciências sociais, deveria impor-se a tarefa de empreender uma séria e crítica leitura dessa tradição.

16. FREUD, S. Op. cit., p. 152.

17. Sobre a posteridade de Le Bon, cf. particularmente TCHAKHOTINE, S. *Le viol des foules par la propagande politique*. Paris: Gallimard, 1939. [Edição brasileira: *A mistificação das massas pela propaganda política*. Trad. Miguel Arraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.]

18. Cf. respectivamente: GOONEN, J.Y. *The Roots of Nazi Psychology*. Lexington: The University Press of Kentucky, 2013, p. 92. • GINNEKEN, J. *Crowds Psychology & Politics, 1871-1899*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992, p. 186.

Os ruídos da multidão

Como fala o povo, quando reunido sob a forma da multidão? Essa é uma questão crucial para Le Bon, uma vez que é a partir desta percepção dos usos da fala nas massas que se poderá identificar o que o povo ouve, para, em seguida, saber como lhe falar e como seria possível guiá-lo. O interesse que se nutre no fim do século XIX pelos usos populares da fala pública não possui um escopo efetivamente antropológico. Ele é, antes, eminentemente prático e já antecipa vários aspectos dos saberes e das técnicas que os teóricos da propaganda desenvolverão ao longo de todo o século XX. A essa interrogação central de *A psicologia das multidões*, encontramos uma resposta nos trabalhos de Emile Zola: tal resposta foi gestada no cerne de um tipo de invenção literária para o qual a riqueza documental, que quase consistia na prática etnográfica, tornou-se constante e fundamental. As posições políticas de Zola, que foi um dos mais ardentes defensores de Alfred Dreyfus, certamente não eram as mesmas que as de Le Bon. Não é menos verdade, porém, que, no que se refere à percepção do povo reunido sob a forma das massas, havia um vasto consenso, bastante indiferente às divergências políticas, que ao mesmo tempo atravessa e unifica em ampla medida o pensamento político francês a partir do final do século XIX. Isso se deve ao fato de que esse consenso provém de uma genealogia muito mais antiga, que mantém decerto a percepção histórica da periculosidade das multidões revolucionárias, mas que toma ainda emprestado para si elementos antropológicos oriundos de uma longa duração, de modo que seu arcaísmo lhe confira uma verdade "natural" e praticamente incontestável.

Em nenhum outro lugar poderíamos encontrar um exemplo mais claro e eloquente dessa genealogia da fala popular do que aquele que aparece em *Germinal* e, no interior desse grande romance da revolta operária, o modelo emblemático da fala do povo encontra-se estampado na cena do discurso na clareira da floresta. Antes de qualquer outra coisa ocorresse em cena, estabeleceu-se seu cenário:

Era no vão, naquela vasta clareira que se acaba de abrir com o corte da madeira. Ela se deitava sob uma doce encosta, rodeada por uma alta floresta, de magníficas faixas, cujos troncos lineares e regulares cercavam uma colunata branca, liquens esverdeados e gigantes abatidos ainda estavam deitados sob a grama, enquanto que, para a esquerda, um monte de madeiras serradas alinhava seu cubo geo-

métrico [...] Então, Etienne ficou por um instante imóvel sob o tronco da árvore. A lua estava muito baixa ainda no horizonte e apenas iluminava os galhos altos, ao passo que a multidão permanecia inerte nas trevas e se acalmava pouco a pouco, tornando-se finalmente silenciosa. Ele, igualmente sob a penumbra, pôs-se acima dela, no alto da encosta, como um espectro de sombra [...]. Nesse momento, a lua que subia do horizonte deslizando nos galhos altos, passou a iluminá-lo. A multidão, ainda na sombra, o avistou, assim, envolto e iluminado pelo branco daquela luz...¹⁹

O antigo fórum ou o teatro clássico, suas colunas, suas ruínas, seu palco e sua cena... A floresta altera-se para acolher a voz do povo em seu beijo original, o antigo templo da fala pública, e para reinstaurar a divisão que a constitui: ao orador a luz do verbo, à multidão as trevas do silêncio. Esse dispositivo clássico, que configura perenemente o lugar e os protagonistas da eloquência, confirma que de fato existe na história da fala pública antigos fundamentos antropológicos, cuja permanência assegurava a estabilidade no plano das trocas oratórias. Será que essa estabilidade poderá resistir à emergência das massas nesse cenário, será que ela conseguirá suportar ao repente, no tumulto que surge e se ergue das multidões?

Porque, nesse caso, quando o silêncio é rompido, são os ruídos que se sobressaem das massas: algumas mulheres calam-se e ficam "recolhidas [...], graves, como se estivessem na igreja", enquanto outras riem, tosseem, protestam²⁰. O povo sob a forma de multidão não possui um registro intermédio muito entre o silêncio e o clamor: os murmurios são confundidos com as tomadas de fôlego, com os suspiros ou ainda com os rumores; ou podem também ganhar a forma de explosões de vozes, de exclamações e gritos ou dos palavrões. Porém, qualquer que seja sua intensidade sonora, esse não é o regime propriamente linguageiro, diante do qual especificamente nos encontramos, quando se trata da fala pública popular: esses ruídos consistentes, numa forma de expressão coletiva, cuja descrição é quase esgotada em fontes metafóricas, que se tornaram bastante familiares, graças à escrita e à leitura da obra de Le Bon: os desencadeamentos da natureza²¹, os paroxismos

da emoção²², os transbordamentos da sexualidade²³. Eis aqui um antigo, consolidado e duradouro imaginário sobre a voz do povo. A multidão vociferou, protestou, gemeu ou delirou – de raiva ou de prazer: a massa não fala.

Em suma, justamente lá onde pensávamos poder descobrir as formas políticas originais da fala popular, o que encontramos, antes de mais nada, tanto no romancista da greve quanto no teórico da multidão, é o ruído das vozes e a carne do corpo. Porque é exatamente assim que a multidão é percebida na aurora da era das massas: como se fosse a agitação orgânica de um grande corpo coletivo, anônimo, barulhento e convulsivo. As multidões produzem uma confusão de gestos violentos e miméticos, emprestados daquele que seria o registro típico do hábito popular, que, na dinâmica das massas, é ainda alimentado pela fúria das mulheres²⁴. Com efeito, há dois pontos sobre os quais os teóricos das multidões estão de acordo. O "contágio" aventado por Le Bon torna-se a identificação sob hipnose dos indivíduos uns em relação aos outros em Freud e aproxima-se do que, mais tarde, será concebido como uma "descarga", por Canetti: a primeira das condições para que os indivíduos transformem-se em massa é o apagamento dos limites individuais do ser humano e a abolição das distâncias que os separam uns dos outros. "De repente, tudo se passa como o que ocorre no interior de um mesmo corpo"²⁵.

É a descarga que constitui a massa. [...] Na descarga, os indivíduos rejeitam aquilo que os separa uns dos outros e todos se sentem iguais. Nesta complicidade, onde quase não sobram espaços entre eles e onde um corpo pressiona o outro, cada um está tão próximo dos demais, de tal forma que é como se estivesse numa relação consigo mesmo. *Alivia inerte*. É para desfrutar deste feliz instante, quando ninguém é mais nem melhor do que o outro, que os homens se tornam massa²⁶.

22. "As mulheres deliravam, a Mahéude perdeu sua paciência, tomada pela vertigem de fêmea. A Levaque estava urinando, a velha Brülé estava fora de si, agitando seus braços de bruxa [...]" e a Mouquette estava tão excitada que gritava palavras ternas para o orador [...]" (ibid., p. 287).

23. "Uma fúria de rostos, de olhos reluzentes, de bocas abertas, como se todo o povo estivesse no cio" (ibid., p. 286).

24. "As mulheres se enfiavam: a Levaque, os punhos na cintura, brigava com Philomène [...]; a Mouquette falava de desmontar aos policiais aos chutes por toda parte; a Brülé, que acabava de ser insultada por Lydie [...]" continuava a dar bofetadas no vizinho, como se as distribuisse em todos os patões em que ela gostaria de ter batido [...]" (ibid., p. 291-292).

25. CANETTI, E. Op. cit., p. 12.

26. Ibid., p. 14 e 15.

19. ZOLA, E. *Germinal*. Paris: Garnier/Flammarion, 1968 [1895], p. 282, 283, 285. [Edição bilíngua: *Germinal*. Trad. Silvana Salerno. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.]

20. "Mahéude, calada, abanava a cabeça aos surdos palavrões de Levaque. Philomène tossia pelo retorno de sua bronquite desde o inverno. Apenas Mouquette ria com gosto" (ibid., p. 282-283).

21. "Trovozes de exclamações", "furação de vozes", "cabeças inclinadas..." (ibid., p. 283 e 286).

As massas que nascem por essa razão e desse modo permanecem, no entanto, instáveis. Esta é a segunda das grandes preocupações que os analistas da multidão manifestam: a necessidade de seu controle. Estamos aqui justamente no campo da governamentalidade, nesse campo constituído e marcado pelas análises, pelos cálculos e pelos "dispositivos de segurança", cujo alvo principal é a população e a sua condução para o seu devido destino. Porém, estaríamos equivocados, caso atribuíssemos à obra de Le Bon a origem da descoberta da periculosidade das multidões ou da necessidade de sua submissão. Também não nos parece que seu pensamento se situe, tal como se concebe frequentemente, no bojo da irrupção das multidões revolucionárias, do mesmo modo como Taine pôde percebê-las. O pensamento de Le Bon inscreve-se mais profundamente numa genealogia bem mais antiga.

Genealogias: o controle das aglomerações humanas

A percepção da inquietante instabilidade das massas populares e dos perigos do contágio das paixões e dos pensamentos entre seus integrantes preexiste à formação da sociedade de massa no fim do século XIX. Essa percepção possui uma história, cujo recuo poderia remontar ao menos ao nascimento das grandes cidades e de suas aglomerações humanas no curso do século XVIII. Com a emergência dessas cidades e aglomerações, também surgiu a necessidade de seu controle.

A partir dessa consideração, podemos avançar que a psicologia das multidões, fundamentalmente, inventou muito pouco ao tratar das massas. Com efeito, entre os observadores das multidões parisienses acumulam-se, um século antes de Le Bon ou de Zola, as descrições nas quais se constituem os fundamentos arqueológicos dos medos políticos que tomam corpo no fim do século XIX. A maioria dos ingredientes da psicologia das multidões já está presente, ainda que eventualmente num estado embrionário, em tais descrições. Para nos darmos conta dessa presença, basta que leiamos Louis-Sébastien Mercier e seu *Tableau de Paris*, entre tantos outros, tais como Nicolas Restif de la Bretonne ou Jean-François Barbier, para que possamos descobrir quase todos esses ingredientes. É exatamente o que observamos em relação ao "contágio", essa peça central no aparato conceitual de Le Bon:

Basta que um homem eleve seus olhos e olhe atentamente um objeto, para que vejamos vários outros pararem imediatamente e elevar

tarem também seus olhos para o mesmo lado, acreditando fixar o mesmo objeto. Pouco a pouco a multidão aumenta, e deixará toda a rua obstruída.²⁷

A multidão foi então concebida como um problema de circulação urbana antes mesmo de se tornar uma grande preocupação política: como obstrução à boa circulação, a multidão nasce com a cidade, de modo que tanto os poderes que lhe são atribuídos quanto os temores que ela suscita crescem juntamente com o desenvolvimento urbano. Isso porque a cidade estabelece imediatamente a multidão como um de seus elementos centrais e a desordem que ela mesma provoca como uma de suas consequências inevitáveis. A massa parece ser, aos olhos dos observadores da grande cidade, o berço natural da sedição. É assim que as primeiras formas modernas de "governamentalidade" urbana serão extremamente sensíveis aos divertimentos populares, às distrações das massas e a tudo que pode, literalmente²⁸, modificar seus percursos, interromper o fluxo de seu escoamento e provocar os congestionamentos e os transbordamentos coletivos.

Configura-se assim, já no século XVII e especialmente no século XVIII, uma polícia das ruas que dará à formação espontânea de grupos humanos na cidade uma atenção toda particular. Os dicionários de polícia testemunham abundantemente essa preocupação e a vigilância cerrada sobre os artistas públicos, assim como sobre todos aqueles que "podem afrontar a ordem pública por meio de sua aglomeração, que costuma ser, poderíamos dizê-lo, uma multidão de desocupados", e postulam a necessidade de fazer "seccar uma fonte tão perigosa de desordens"²⁹. Porque sob esse medo das multidões já se desenha um medo propriamente político e já se esboça um projeto de controle das massas urbanas:

É uma assembleia tumultuada de pessoas que quere[m] opor-se à autoridade legítima. [...] É especialmente nas grandes cidades que devemos sempre manter os olhos abertos sobre os menores movimentos que anunciam um projeto de aglomeração, porque o povo não é difícil de ser seduzido pelos exemplos de insubordinação e de licenciosidades que lhes são oferecidos. O povo está pronto para

27. MERCIER, L.-S. *Tableau de Paris*. Vol. IX. Amsterdã: Nova edição, 1788, p. 166.

28. A etimologia, conforme frequentemente ocorre, é uma vez mais precisa nesse sentido: "divertir" provém do latim *di-vertere*, "fazer mudar de direção"; "distrair", do latim *dis-trahere*, "mudar de lado".

29. ESSARTS, N.T. *Dictionnaire Universel de Police*. 7 vols., 1786-1789, tomo III, p. 526.

acorrer ao melhor sinal de perturbação da ordem e a seguir o primeiro homem audacioso que lhe promete uma vida mais feliz a qual ele destruíra”³⁰.

As peças essenciais do dispositivo da *Psicologia das multidões* estão aqui já reunidas: o número, o contágio, a desordem política, o líder. Com tais instrumentos e sob essa forma, para compor as multidões e para produzir sua desordenada condução, faltariam somente dois elementos: a imaginação fértil de seu conjunto e a violência da metamorfose que ela processa nos indivíduos ordinários. Tais elementos também já estavam à disposição: aqui estão eles:

Incapaz de reflexão, o que impressiona a imaginação das multidões as arrasta facilmente; e o cidadão pacato, quando em seu interior, torna-se, num instante, um furioso pronto para sacrificar tudo às cegas e quimericamente, em troca da esperança que lhe é dada”³¹.

A polícia dos ruídos

Da mesma forma, o elo entre as massas, o ruído e a desordem, que tanto Le Bon quanto Zola perceberam muito bem, inscreve-se numa história de longa duração, na qual se formou a ideia de que o ruído é propriedade sonora por natureza e a condição vocal por excelência do povo das cidades.

Os observadores da cidade moderna notaram precocemente, por exemplo, os “gritos de Paris”, essa “música social”³² do povo das ruas, que ressoa nas esquinas. Tais sons foram ouvidos e profundamente lamentados. Os gritos dos vendedores ambulantes e dos camelôs pertencem a uma tradição imemorial que os cronistas da cidade de Paris do século XVIII julgam estridente, desagradável e dissonante.

Não, não há outra cidade no mundo onde os homens e as mulheres que gritam pelas ruas tenham uma voz mais aguda e mais perfurante [...]. Suas gargantas sobrepujam o barulho e o ruído das esquinas de um modo alto e desolador”³³.

30. *Ibid.*, tomo I, p. 464.

31. *Ibid.*

32. KASTNER, J.G. *Les voix de Paris – Essai d'une histoire littéraire et musicale des cris populaires de la capitale depuis le Moyen-Âge jusqu'à nos jours*. Paris: G. Brandus, Dufour & Cia., 1857.

33. MERCIER, L.S. *Tableau de Paris* (1785). Paris: Robert Laffont [Bouquins], 1990, p. 182.

“Clamores confusos”, “vivos perpétuos”, “gritos patéticos”, “sons roucos e terríveis”³⁴; bem antes que *A psicologia das multidões* o tivesse percebido, o povo já emitia uma espécie de burburinho orgânico e exalava uma forma de odor acústico que enojava as orelhas aristocráticas e burguesas. Além de lhe atribuir a produção desse enojamento, essa sensível escuta naturalmente associa o ruído à periculosidade e à criminalidade populares³⁵. Em seguida, logo surge a tentação de suprimir os gritos de Paris, tal como fora proposto por Restif de la Bretonne³⁶. Emprega-se então um policiamento à escuta das aglomerações de rua e das salas de espetáculo, que vai emprestar um ouvido extremamente atento às desarmônias vocais: o ruído torna-se um indicador sonoro do nível de periculosidade das massas e define uma escala, um *crucendo*, das desordens populares.

Do ponto de vista da gestão administrativa da ordem urbana, há contudo sonoridades que podem ser aceitáveis: assim, os aplausos permanecem legítimos, até por que “interdiá-los seria uma decisão injusta e uma ação impraticável”³⁷. Já não ocorre o mesmo com a algazarra, com os “gritos confusos e turbulentos”, com os “aplausos demasiadamente atetados ou ruidosos”, que correm o risco de se degenerar em “riscos imoderados”³⁸. Serão então tomadas medidas nos espetáculos parisienses que visam ao silenciamento dos espectadores: um dos ápices, entre tais medidas, foi o fato de que os assovios tornaram-se passíveis de prisão³⁹. Tudo isso porque havia um enorme temor dos tumultos e de suas consequências naturais, que eram os transbordamentos:

Nos momentos de entusiasmo, a polícia deve manter a ordem e prevenir o tumulto que frequentemente acompanha as grandes

34. *Ibid.*, p. 200 e 207.

35. Porque é exatamente assim a forma como a voz do povo é percebida no século XVIII: “Ela é maltratada pelo trabalho e depreciada em todos os segmentos e é fundamentalmente um sinal de perigo. As elites temem-na. Os meios bem-intencionados fugiram-na, qualificando-a de inepta e animaléscia. [...] Ela fere constantemente os ouvidos dos letanados” (FARGE, A. *Essai pour une histoire des voix au XVIII^e siècle*. Paris: Bayard, 2009, p. 199 e 202).

36. “Todos os indivíduos que produzem os gritos de Paris são maus sujeitos; seus filhos são ou se tornam espíões, ladrões ou prostitutas [...] Eu sempre detestei os cantores de rua” (KASTNER, Op. cit., p. 57).

37. ESSARTS, N.T. Op. cit., tomo I: “Acclamations”, p. 38.

38. *Ibid.*, tomo II, p. 307.

39. Prescrição de 28 de novembro de 1713, contra os perturbadores da tranquilidade dos espetáculos (*Rapports mémoires du Lieutenant de Police d'Argenson*. Paris: Cotin, 1891, p. CXXXIV).

aclamações. Ela deve impedir, por meio de sábias precauções, que a massa, como uma torrente impetuosa, não derrube o que encontra em seu caminho. Essa não é uma das funções das menos difíceis a serem executadas pelos magistrados e pelos oficiais de polícia.⁴⁰

Dos tumultos, passa-se aos estrondos; de ambos, aos "Bacanais" de toda ordem. Eis que um limitar sonoro é assim atravessado e torna-se o prelúdio da conversão do ruído em movimento: é aí então que a massa transborda e que surge a metáfora da multidão como um elemento líquido, como uma massa móvel que nada mais poderia segurar; enfim, como um fluxo humano do qual Mercier foi um dia testemunha e vítima: "Eu fui levantado ao ar e fiquei suspenso durante quase quatro minutos pelos fluxos tumultuosos de um povo que tinha literalmente a impetuosidade de uma torrente"⁴¹.

A metáfora é antiga e possui a mesma idade das cidades: Nós já a encontramos nas primeiras percepções dos agrupamentos do fórum ou do circo na pena e nas palavras dos observadores da cidade antiga. Entretanto, ela adquire com o nascimento da cidade moderna uma ressonância nova que provém de seus grandes números. Seu alcance e sua pregnância intensificam-se e agravam-se, quando se inaugura efetivamente a era das massas. É nesse momento que aquela torrente que havia suspenso e ameaçado Mercier torna-se, para os contemporâneos de Le Bon, uma imensa e caudalosa maré humana; uma tamanha abundância faz com que seu controle seja um objetivo alçado à condição de uma prioridade política. Canalizar os fluxos humanos, conter os excessos populares e bloquear as multidões... O meio então se faz sentir naquilo que Canetti designa como a massa "aberta", que também poderia ser chamada de "líquida"; seria nessa liquidez que se poderia observar as multidões em seu "estado natural": "Tão logo ela se constitua, a massa tende naturalmente a aumentar"⁴².

A domesticação das massas e o nascimento de um líder

Podemos melhor compreender a gênese da *Psicologia das multidões*, desde que a inscrevemos na perspectiva das intuições foucaultianas sobre a

40. ESSARTS, N.T. *Op. cit.*, tomo I, p. 38-39.

41. MERCIER, L.-S. *Op. cit.*, cap. CDXCVI, p. 1.357.

42. CANETTI, E. *Op. cit.*, p. 13.

governamentalidade como gestão das populações; um dos projetos políticos essenciais que atravessou todo o século XX foi o da domesticação das massas, ou aquele, para empregar as noções de Canetti, da conversão das massas "abertas" em massas "fechadas". Isso quer dizer que as massas dispõem de um "piso" e de um "teto"; uma vez que sua forma é a de um "líquido contido em um recipiente"⁴³, é necessário um constante e rigoroso controle para que elas não transbordem. A massa fechada "renuncia então ao seu aumento para concentrar-se especialmente em sua duração. [...] O limite impede um crescimento desordenado, desempenhando igualmente a função de um obstáculo e de um freio para a dispersão"⁴⁴. A massa perde então seu potencial de crescimento, ao passo que recrudescer sua aptidão à estabilidade.

A obsessão política do século XX, que anuncia com toda a clareza o sucesso universal do trabalho de Le Bon, foi a do *fechamento das massas*: quer seja por sua integração sob a forma de partidos no jogo da democracia política; quer seja por sua mobilização permanente e por sua contínua movimentação em favor de projetos totalitários; quer seja ainda por sua lenta absorção nos processos das mudanças econômicas da sociedade de consumo; quer seja enfim por sua imobilização estabelecida e sempre renovada nas engrenagens da burocracia. Porém, em que pesem tais diferenças, na maioria das vezes, a conversão das massas abertas em massas fechadas supõe a presença inicial de um líder carismático. Ela requer ainda o desenvolvimento de dispositivos discursivos e, mais geralmente, cerimoniais, nos quais os rituais e os pronunciamentos organizam o campo das falas públicas que lhes são dirigidas. Canetti concebe tais dispositivos, por sua vez, com base no modelo religioso dos ritos, que os encerram numa espécie de missa política:

Todas as cerimônias e regras inerentes às instituições destinam-se, na realidade, a obstruir o fluxo das massas: prefere-se, antes, a certeza de uma igreja repleta de crentes à insegurança em todo o mundo. Pela regularidade da frequência na igreja e pela repetição familiar e precisa de certos ritos, garantimos às massas algo como uma experiência domesticada por elas mesmas⁴⁵.

O que supõe Canetti aqui é que as formas de governamentalidade política foram derivadas, originalmente, de modelos de domesticação religiosa das

43. *Ibid.*, p. 14.

44. *Ibid.*, p. 15.

45. *Ibid.*, p. 18.

massas. Ora, o que Zola nos apresenta no discurso da clareira de *Germinal* é a conversão, no sentido quase religioso do termo, de uma massa aberta em massa fechada. Para tanto, basta apenas que os ruídos do povo sejam subtraídos pela fala de um único indivíduo; este último empresta-lhe sua voz e vem falar em seu nome. A era das multidões é também o tempo dos líderes.

Tão logo um certo número de seres viventes esteja reunido, quer se trate de uma tropa de animais ou de uma multidão de homens, eles colocam-se instintivamente sob a autoridade de um líder. [...] A multidão é um rebanho que não pode prescindir de um mestre.⁴⁶

A fórmula de Le Bon testemunha emblematicamente a pouca fé que ele depositava no destino da democracia. Mesmo que nem todos compartilhem de suas tendências para o darwinismo social, são bastante numerosos aqueles entre os quais se esforçaram para pensar a sociedade de massa do fim do século XIX até meados do século XX que reiteraram a necessidade de as multidões serem comandadas por um líder. Assim, entre as propriedades que Canetti atribui à massa – tais como o crescimento, a igualdade e a densidade – há uma que é essencial: a massa precisa de uma “direção”.⁴⁷ O termo empregado deve ser entendido em todos os sentidos. Em *Germinal*, caberia a Etienne dar a devida “direção” a essa “massa de resistência” (a expressão também é de Canetti) configurada sob a forma das minorias em greve. Não se trata de mera coincidência o fato de que no mesmo momento em que Zola descreve a revolta dos trabalhadores, Le Bon teoriza sobre a multidão...

[...] as elites que procuram novos meios de dominar as multitudes da indústria, do recrutamento militar e da rua política, assim como aqueles que procuram construir grandes organizações de protestos e de revoluções desenvolvem a figura do líder: um homem (jamais uma mulher), fornece as qualidades morais para as multidões e torna-se um exemplo a ser seguido – tanto em seus comportamentos quanto em suas ações – pelas massas da produção em massa e pelas massas das guerras em massa. Muito frequentemente operários e soldados eram aqueles que constituíam ambas as massas.⁴⁸

A cena do discurso da clareira confirma em todos os aspectos essa intuição: assistimos simultaneamente à domesticação de uma massa, ao nascimento de um líder e à invenção de uma nova forma de fala pública. Por ora,

46. LE BON, G. Op. cit., p. 69.

47. “Ela está em movimento e coloca-se em direção de qualquer coisa” (ibid., p. 28).

48. COHEN, Y. “Foucault déplacé...” Op. cit., p. 68.

é apenas o último desses fenômenos que nos interessa aqui, com vistas ao encerramento do esboço de nossa genealogia.

O advento da eloquência proletária

Etienne projeta-se diante e acima da massa e dirige-se então à multidão. O que sugere Zola é o advento de uma nova fala: através de sua boca, será o grupo dos mineiros e, por extensão, toda a classe trabalhadora que começará finalmente a falar.

Essa eloquência inédita, que enfim articula sob a forma de palavras o clamor confuso dos protestos populares, rompe em muitos aspectos com a tradição retórica, que até então sempre havia fornecido sua arquitetura discursiva às práticas e representações da eloquência política. Conforme vemos, isso é verdade tanto para o emprego do verbo quanto para os usos do corpo do orador. Evidentemente, não é preciso que tomemos essa descrição romanesca como um registro factual de época das falas ocorridas quando das revoltas operárias, embora Zola lhes tenha sido particularmente atento, dispensando uma cuidadosa consideração a suas emergências e a seus desenvolvimentos nas cidades de Anzin, de Carmaux e alhures. Não é menos verdade, porém, que, ao serem coteadas, as ocorrências do discurso socialista – tal como à época ele podia efetivamente, por exemplo, sair da boca de Jean Jaurès – e a arenga dirigida aos mineiros compartilham numerosas similaridades de estrutura.

Isto é particularmente verdadeiro no que respeita às posições de sujeito enunciativo, as quais o orador irá ocupar sucessivamente. Etienne fala, antes de mais nada, a partir da condição de um *expert*: sua voz é aquela que “não murmura mais”; seu tom frio é o “de um simples mandatário do povo que presta suas contas”; seu discurso está em conformidade com a “eloquência científica: os fatos, nada além dos fatos. [...] Ao grupo dos mineiros restava, portanto, somente reconquistar seus bens. Desde então, Etienne impõe sua questão favorita, a atribuição de instrumentos de trabalho para a coletividade”.⁴⁹ Em seguida, o *expert* transforma-se em líder, no sentido que Le Bon atribui ao termo, ou seja, torna-se o chefe do bando: sua voz inflama-se com a lembrança das injustiças e dos sofrimentos e sua eloquência ressuscita e

49. ZOLA, E. Op. cit., respectivamente p. 283 e 285.

repercutir as vozes e os ecos dos injustificados e sofrendores que, desde a Revolução Francesa, não cessaram de protestar contra a desigualdade política e a injustiça social. O discurso da ciência retorna então no discurso da revolta: o líder metamorfoseia-se, para, na sequência, tornar-se um profeta; e a eloquência proletária modifica-se, para, finalmente, tornar-se uma utopia religiosa: "Ele construía a humanidade do futuro, o edifício da verdade e da justiça, que crescia nas sombras do século XX"⁵⁰.

Numa obra tal como esta nossa que estabelece como seu objeto a transformação das formas de fala pública numa longa duração, a emergência da voz do povo e o advento da fala operária, tal como Zola a concebe e a apresenta, impõem algumas observações. Em primeiro lugar, é preciso que consideremos sua verossimilhança histórica; conforme havíamos mencionado rapidamente, é certo que encontramos também em Jaurès, entre outros, a mesma imbricação de um discurso com um viés científico em suas falas públicas mais propriamente ideológicas; o que, por seu turno, no decorrer de sua dinâmica e de seu desenvolvimento, acaba por conferir ao discurso uma tonalidade religiosa. Tal matiz religioso no discurso político manifesta-se, nesse caso, principalmente, no processo da evangelização operária, por meio da qual os missionários deverão "levar a fala socialista"⁵¹ sobretudo àqueles que, embora sejam as principais vítimas da exploração capitalista, ignoram seu funcionamento ou o tomam por algo justo, reproduzindo as ideologias dominantes.

Contudo, uma vez que somos atualmente bastante bem-instruídos sobre as astúcias da história contemporânea, não podemos deixar de observar principalmente neste ato de nascimento um duplo mal-entendido. O primeiro consiste no fato de que o povo, que esperou um longo tempo para encontrar sua própria voz, a descobre enfim num fundo discursivo imemorial, das antigas profecias religiosas. O advento da fala popular, por um lado, seria apenas uma repetição mascarada de seu apagamento. Já o segundo mal-entendido reside no fato de que o discurso dos profetas da revolta, que deveria libertar o proletariado de seus grilhões, foi sufocado pelo discurso da es-

50. *Ibid.*, p. 286.

51. "Destacamos a importância da dimensão ideológica do discurso, que arrasta o esquema dialético para o interior do enunciado político, o que resulta, às vezes, num enunciado do tipo religioso: *levar a fala socialista*" (PROVOST, G., "Approches du discours politique: 'socialisme' et 'socialiste' chez Jaurès", *Langages*, 52, 1978, p. 125).

pecialidade, que foi nutrido no próprio seio da fala dirigida aos trabalhadores pelos porta-vozes da causa operária. Entretanto, além do lamentável encontro perdido da voz do povo com a história, isso concerne mais amplamente toda a genealogia discursiva do século que acabou de terminar: o século XX parece ter sido aquele em que se deu o declínio dos profetas e a irresistível ascensão dos *experts*. Os discursos cinzentos da burocracia conseguiram atingir praticamente em todos os pontos do Ocidente os fogos discursivos da revolta.

O gesto e a palavra

Etienne salta sobre um tronco de uma árvore e, em seguida, permanece imóvel. Levanta um braço num gesto lento e começa seu discurso. Sua fala é, em primeiro lugar, factual e técnica, ao passo que seus gestos são raros e contidos. Logo depois, surge uma enfática, apaixonada e profética exortação à justiça e à rebelião, em cuja realização seus braços são constantemente erguidos e suas mãos amplamente estendidas.

Pouco a pouco, Etienne se inflama [...]. As palavras lhe falavam com certa frequência, ele tinha de pressionar sua frase; finalmente, ela lhe saiu por meio de um esforço, como se alguém lhe tivesse dado um empurrão. Somente sob o choque desses golpes contínuos é que ele reencontrava as imagens dotadas de uma familiar energia, com a qual ele cativava seu audível: enquanto seus gestos são aqueles de um trabalhador do canteiro de obras, seus cotovelos permanecem colocados ao corpo, mas, em seguida, relaxa-os para levantar os punhos; então com sua mandíbula bruscamente avançada, como se fosse morder quem o tentasse impedir de continuar, ele exerce um efeito extraordinário sobre seus companheiros. Todos diziam o seguinte: ele não é muito grande, mas se faz escutar⁵².

A voz do povo emerge do corpo do povo. As multidões, garante Le Bon, produzem os líderes à sua imagem e semelhança: a eloquência proletária que foi então inventada vai encontrar o repertório de seus gestos nos hábitos corporais do trabalhador manual e nos gestos profissionais do operário no desempenho de seu trabalho. Tanto em seus gestos quanto em suas falas, a eloquência da tribuna popular instaura-se como uma ruptura com a tradição

52. ZOLA, E. Op. cit., p. 285.

de moderação frequentemente recomendada pela *actio rhetorica*, essa arte do corpo eloquente que, desde a origem dos discursos, acompanha o exercício público da fala⁵³; eloquência do cantor de obras, brutalidade do gesto, martelamento dos punhos, tensão das mandíbulas... A percepção do corpo do orador proletário tal como ela nos é oferecida em *Germinal* novamente impõe uma série de observações. É necessário, mais uma vez, reiterar que a obra de Zola é mais do que uma simples composição fictícia, tendo em vista que se trata, antes, de uma reprodução relativamente fiel das percepções do modo como se processou a emergência dos discursos políticos provenientes do movimento operário. Um grande número de testemunhos históricos confirma essa percepção da fala pública popular e fazem-no de um modo estranhamente similar aos da ficção literária. É o que podemos observar no caso daqueles que ouviram Jaures falar e que guardam em suas memórias as lembranças do impacto e da força da eloquência do político socialista – essa “voz do povo, forte como a de um leão”, disse Alain –, tal como ocorreu com Charles Peguy:

Aqueles que uma única vez tiveram a oportunidade de ouvi-lo já mais poderiam esquecê-lo. [...] Seus gestos não tinham nada de artificial. Porque ele não tem nenhum desses gestos habituais dos oradores; possui, antes, os gestos dos trabalhadores manuais, com os quais segue empurrando suas ideias sobre o estrado de madeira da tribuna, com os quais segue pressionando o polegar para demonstrar sua insistência. Seus gestos são rudes, pesados e instintivamente produzidos por seus ombros tanto densos quanto os de um morador das montanhas⁵⁴.

Essa percepção da brutalidade das formas emergentes da fala pública na aurora da era das massas não deveria nos surpreender: para aqueles que desde muito tempo e durante um longo período foram privados do exercício do discurso, será necessário tomar à força a tribuna, sobre a qual finalmente eles poderão dizer de sua cólera. Ante essa apropriação da fala, podemos

53. Cf. aqui mesmo o texto de Marc Fumaroli.

54. PÉGUY, C. “La préparation du Congrès Socialiste National”, *Cahiers de la Quinzaine*, 1 (3), fev./1900 (o texto de Peguy, do qual extrairmos a citação, pode ser encontrado no livro: *La Riposte bloquée... Notre royaume de France*, Paris: Gallimard, 1946, p. 20). Sobre a condição de orador de Jean Jaures, cf. em particular: JEANNENEY, J.N. *Jaures*, Paris: Nathan, 2011. • LAUNÉY, M. *Jaures orateur, ou l'oiseau noir*, Paris: J.-P. Rocher, 2000. • REBERIOUX, M. *Jaures, la parole et l'acte*, Paris: Gallimard, 1994.

conceber a inquietude dos observadores burgueses da vida pública: um desassossego burguês surgia em face da ascensão dos discursos de revolta, nos quais afloravam a violência que tais observadores podiam então sentir na fala operária ou a veemência das primeiras formas de protestos feministas que foram imediatamente tachadas de “histéricas”.

Essa é a mesma inquietude que inspirou Le Bon a produzir sua *Psicologia das multidões*⁵⁵, mas, sem dúvida, ela não é suficiente para explicar a universalidade de seu sucesso. Isso porque Le Bon não se limitou a ela, que funcionou apenas como um seu ponto de partida. O que ele soube dela deduzir, a partir das características que atribuiu à “vida mental” das massas, foi a possibilidade e a necessidade da figura do líder ideal que poderia e deveria dominá-las.

Sempre pronto a se sublevar contra uma autoridade frágil, a massa se dobra com submissão diante de uma autoridade forte. [...] Sua coragem a seduz, sua autoridade se impõe sobre ela e sua espada a amedronta⁵⁶.

Certamente, podemos não compartilhar os preconceitos políticos de Le Bon nem sua inclinação pela espada, mas é preciso reconhecer, *a posteriori* e munidos tal como nós o somos hoje do conhecimento que a história do século XX nos legou, sua inegável faculdade de antecipação daquelas que seriam as horas mais sombrias desses tempos. Le Bon soube compreender no mesmo momento em que se constituíam as sociedades de massa que as potencialidades de igualdade das quais a sociedade democrática era portadora podiam também secretar um desejo de servidão e uma necessidade de comando. É a partir da figura similar e invertida do líder socialista – tal como Zola nos havia sugerido aos olhos e aos ouvidos em *Germinal* – que Le Bon elabora seu modelo do orador populista, antecipa as características do chefe totalitário e anuncia as técnicas de manipulação e de controle das massas que iriam se desenvolver ao longo da primeira metade do século XX.

Encontraremos uma confirmação espetacular do que antes era apenas o modelo do orador populista, a antecipação do chefe totalitário e o anúncio das técnicas de manipulação e de controle na obra de Alexis Wicart, médico especialista na voz humana, publicada na década de 1930 e cujo título

55. “É preciso saber resolver os problemas que a psicologia das massas indica, ao menos pela simples razão de termos medo de ser devorados por elas” (LE BON, G. *Op. cit.*, p. 28).

56. *Ibid.*, p. 28.

é *Les puissances vocales*⁵⁷. Essas tais "potências vocais" são aquelas próprias dos tenores da ópera, mas são também as potências vocais dos tenores da cena política, as quais Wicart ausculta atentamente a partir de sua condição de otorrinolaringologista. Ele foi uma testemunha pessoal da ascensão da eloquência fascista, pela qual parece possuir certa inclinação. O mais interessante, contudo, não reside nessa sua condição, mas no fato de que suas descrições do desempenho oratório de Mussolini e de Hitler, de seus usos da voz e dos empregos de seus gestos inscrevem-se numa linha direta, cuja reconstrução a partir das fontes escritas disponíveis ele imagina poder estabelecer, que remonta a Vergniaud e a Mirabeau, passando por Gambetta, até chegar a Jaurès.

"A ascensão do Führer é uma conquista vocal [...]; sua força magnética age sobre o auditório. [...] O gesto desprende-se; de punhos cerrados, ele martela as palavras sobre a tribuna e sobre seu próprio peito", é uma das observações relatadas por Wicart⁵⁸. Hitler não faz nada diferente do que à mesma época era feito pelo Duce ("o gesto se anima com o vigor de um golpe de seu punho"⁵⁹) ou do que antes dele era feito por Gambetta ("um pescoço potente e golpes vigorosos com seus punhos martelavam suas ideias sobre a tribuna"⁶⁰) ou do que ainda antes era já feito por Mirabeau ("esse macho monstruoso [...], dotado de uma atitude imperiosa, de gestos fulgurantes, de uma face de leão furioso, de cujos olhos lançam-se raios"⁶¹). Esse retrato nos é agora familiar: trata-se daquele que Zola compôs na clareira de *Germinial* e que Le Bon construiu como a imagem do mestre das multidões. Baseada numa fascinação pelo exercício fático da dominação masculina produzida mediante a fala e investida de uma genealogia que o torna semelhante às potências vocais da tribuna antiga e dos oradores revolucionários, essa imagem atravessa assim a maior parte das sensibilidades políticas do final do século XIX e da primeira metade do século XX. A eloquência populista, no fundo, não possui uma outra história que não seja a da genealogia imaginária de

uma voz máscula que ressoa em nome do povo e efetivamente não conhece nenhuma fronteira geográfica ou política: Quem há ainda de se espantar com o sucesso imediato e quase universal e com a longevidade de *A psicologia das multidões*? Ela constitui, na aurora da era das massas, um dos primeiros elementos da teorização de um populismo político que identifica claramente seus perigos e aprende a combatê-los, retornando contra eles suas próprias armas oratórias. "Como Hitler pôde conquistar a adesão de massas tão consideráveis?"⁶², questiona-se o Dr. Wicart. Não sabemos se ele conhecia ou não o pensamento de Le Bon, mas sua resposta a essa questão poderia ter sido perfeitamente extraída da obra deste último: "Os ditadores atuais não enfrentaram a força do destino com a alma ardente de sua eloquência, bem antes de terem consolidado sua potência sobre os batalhões de diversas cores? [...] Talvez, finalmente e pela primeira vez os alemães estejam diante de um orador político que representa por suas entoações e por seus gestos a fúria e as esperanças da nação. [...] Não se pode negar a existência de uma música hitleriana nascida da voz, dos gestos e do olhar do Führer"⁶³.

O governo das emoções

A voz, os gestos e o olhar do Führer... Mas o que fora feito de suas palavras? Praticamente ausentes da obra de Wicart, também em *A psicologia das massas* é dispensada às palavras uma equivalente porção. Isso porque para Le Bon a fala pública é antes de tudo composta pela voz, pelo corpo e pela massa compacta da multidão. As palavras efetivamente importariam pouco, tão pouco como as ideias. No que respecta ao verbo, basta que as palavras sejam marteladas sem cessar; e no que concerne as ideias, basta fazê-las penetrar com força na "alma das multidões"; basta fazer penetrar nessa alma de primitivos, de mulheres e de crianças, da forma mais simples e mais imaginativa possível, as "imagens impressionantes que preenchem e obcecaram o espírito. Conhecer a arte de impressionar a imaginação das massas é o mesmo que conhecer a arte de governá-las"⁶⁴.

57. WICART, A. *Les puissances vocales*. 2 vols. Paris: Vox, 1935. • Agradeço a Françoise Douay por sua indicação dessa referência essencial.

58. *Ibid.*, vol. 2, p. 5 e 242.

59. *Ibid.*, p. 176.

60. *Ibid.*, p. 90.

61. *Ibid.*, p. 58 e 62.

62. *Ibid.*, p. 245.

63. *Ibid.*, 242 e 247.

64. LE BON, G. *Op. cit.*, p. 44.

Governar os homens através da imaginação... Eis, portanto, o fim último de *A psicologia das multidões*. Ela não corresponde a uma obra de retórica, porque é insensível às figuras de estilo, nem é tampouco uma análise do discurso, visto que desdenha as posições ideológicas e os recursos argumentativos. Ela não reconhece nada nas palavras que vá além de uma "misteriosa potência", de uma "verdadeira magia": o poder de converter as imagens em emoções:

A multidão somente pode ser impressionada pelos sentimentos excessivos; o orador que pretende seduzi-la deve abusar das imagens violentas. Exagerar, realçar, repetir e jamais tentar demonstrar nada mediante um raciocínio são os procedimentos de argumentação familiares aos oradores das massas populares.⁶⁵

O governo através da imaginação é um governo das emoções. O livro de Le Bon, durante muito tempo considerado como a fundação científica de uma psicologia coletiva, deve ser lido, antes de mais nada, como o que ele é de fato: um tratado político, que se inscreve na longa genealogia das artes de governar. Na aurora da era das massas, a obra reatualiza essa tradição: ela dá corpo aos temores ocasionados pelo recrudescimento do movimento operário nas sociedades democráticas, oferece um meio de conjurar seus perigos, eoca seus votos e apelos pelos líderes fortes e prefigura a "violação das multidões" pela propaganda política. Podemos ler *A psicologia das multidões* como o esboço de um programa político autoritário, profundamente reacionário, formulado nos primeiros anos do século XX, como um manual de domesticação das massas e das técnicas do comando e ainda como uma contribuição àquele conjunto de saberes e de práticas que Michel Foucault nomeava de "governamentalidade", que compreende o controle das populações.

É por essa razão que a obra de Le Bon deve ocupar um espaço privilegiado neste capítulo, que vai ao encontro do projeto geral deste livro, cujo objetivo é o de restituir à fala pública sua história na longa duração. Com efeito, nessa longa duração histórica, *A psicologia das multidões* marca uma transformação, na qual os usos antigos da retórica, que dominaram durante muito tempo o campo da enunciação política, vão em breve conhecer uma modificação em sua natureza, uma vez que serão cada vez mais confrontados com os conflitos econômicos, sociais e políticos da sociedade urbana e indus-

trial de massa. Novas figuras do orador e de seu público aparecem e novos dispositivos de dominação das multidões são então inventados.

É aí que reside a verdadeira proposta de Le Bon, cuja verificação podemos fazer ao examinar atentamente dois de seus elementos, com vistas a encaminhar os o encerramento destas nossas reflexões. Retomaremos apenas brevemente o primeiro deles: a indiferença em relação às palavras, o desinvestimento das complexidades da argumentação, em proveito de uma mecânica da persuasão, fundamentada na repetição, nos usos da voz, do gesto, do corpo e da imagem. O objetivo de Le Bon não é o de educar as massas, mas o de domesticá-las: compreendemos agora como a redução da longa e da complexa história da eloquência ao exclusivo campo das técnicas de persuasão pôde fazer de Le Bon o precursor da propaganda e da publicidade e pôde ainda prefigurar o sucesso ulterior de uma camada parasita de "experts" em comunicação e marketing político, que contribuiu decisivamente para o desvio, quando não do apagamento, em seu benefício próprio da salutar arte do debate democrático. A herança de *A psicologia das multidões* pesa bastante sobre a história da fala pública no século XX.

Se há um segundo elemento dessa herança que deve ser submetido a um inventário crítico, esse elemento é exatamente aquele da "emoção coletiva", um fator central no dispositivo colocado em jogo por Le Bon.

Não se trata aqui, evidentemente, de negar que os fluxos emocionais possam percorrer os ajuntamentos humanos, qualquer que seja a maneira pela qual nós os nomeemos: "contágio", "imitação", "efervescência", "hipnose", "descarga"... Encontraremos em Le Bon, Tarde, Durkheim, Freud ou Canetti as análises que atestam sua presença. Mas aquilo sobre o que convém duvidar é a existência de uma "alma das multidões", que seria agitada pelas emoções coletivas e que estaria ligada a um único corpo ou que seria atribuídas genericamente às massas humanas. Que os fluxos de efervescência, buída genericamente às massas humanas. Que os fluxos de efervescência, que as cadeias de entusiasmo e que os ventos de pânico possam atravessar as multidões, praticamente não suscita dúvidas, embora fosse melhor quando se trata desses fenômenos falar antes de uma "agregação" de emoções, que não pressupõe absolutamente a atribuição à multidão de uma alma e de um corpo coletivo, do que de "emoções coletivas"⁶⁶. Mas existem também mul-

65. *Ibid.*, p. 26.

66. Cf. a esse respeito: "Collective Emotions: Reasons to Feel Doubtful." *The History of Emotions annual lecture* - Queen Mary, Londres: University of London, out/2013 [Disponível em www.stevencannor.com/collective/collective.pdf].

tudes estáveis, estáticas, que nada parece poder tirá-las de sua inércia. Nem todas as massas são excitáveis, voláteis e perigosas. Nem todas as massas são rebeldes e arrelias ou absolutamente dóceis ao martelamento das palavras de ordem. Algumas multidões apenas possuem vocação para a dispersão, alguns indivíduos em meio às massas, longe de serem aprendidos por algum contágio, somente provam a repulsa pelo contato e o desejo de evadir-se. Enfim, de maneira mais geral, a noção de emoção coletiva acaba por simplificar consideravelmente a distribuição complexa, instável, irregular e efêmera dos regimes emocionais de uma sociedade inteira.

Eis uma última palavra que concluirá esta breve investigação genealógica sobre o surgimento na aurora da era das massas de novas formas da fala pública popular. Nossa pretensão foi a de mostrar como o povo, que durante muito tempo esteve destinado e limitado aos ruídos e à fúria, foi dotado de uma fala política no interior do movimento operário e do socialismo então nascente. Mas também foi nosso intuito mostrar como muito rapidamente simulações e dissimulações populistas foram inventadas para recobrir e apagar essa voz do povo. Nossa relexão consagrou ainda ao tema da multidão e de sua representação na virada do século XIX para o século XX uma particular atenção, pois a concebe como um fator consideravelmente importante. “O período em que entramos será realmente a era das multidões”, predizia Le Bon, em seu tempo e na epígrafe deste texto: a representação que ele produziu das massas e que foi legada aos seus sucessores – essa representação que as expõe como reféns das emoções coletivas, sensíveis às formas degradadas da fala pública e obedientes a uma natureza quase biológica das multidões humanas – nada mais é do que uma *ficção política*, historicamente situada e datada. Trata-se de uma produção que é contemporânea da violência decorrente dos confrontos entre as classes e do recrudescimento dos nacionalismos beligerantes ocorridos na Europa desde final do século XIX. Essa ficção vai desempenhar uma função central na “governamentalidade” das populações europeias no decurso da primeira metade do século XX, em particular, na domesticação das massas, em proveito dos regimes totalitários. Quem mais do que estes últimos, desejaria ver na multidão um corpo único em que se fundiriam os indivíduos, uma massa compacta de emoções coletivas, a marionete de um chefe carismático, que saberia confiscar a voz do povo em seu benefício próprio? Extasiado com o desempenho oratório de Mussolini, Wicart afirma que o *Duce* em suas arengas às massas “jamais deixa de ser e

de modo superior o animador por excelência das praças públicas. Na tribuna dessas praças, sua arte é fulgurante, irresistível. [...] A voz eleva-se, domina-dora, lança palavras como se fossem projéteis [...] e atrai no espaço essas belas sonoridades humanas cujo magnetismo é indescritível”... Na longa história da fala pública, o século passado, que acabou tão recentemente, permanecerá em nossas memórias e nas lembranças daqueles que nos sucederão como a cena de uma sucessão de episódios trágicos, que ocorreram a cada vez que a voz do povo foi abafada pela de seu mestre.

67. *Ibid.*, p. 176.